

Literatura. José Cardoso Pires escreveu 18 livros em 50 anos

Nascer e morrer em Outubro

O escritor nasceu faz hoje 83 anos. Cultivou a palavra de forma lenta, como quem dança

ISABEL LUCAS

Outubro, sempre Outubro. Nasceu em Outubro, faz hoje 83 anos. Morreu em Outubro está quase a fazer dez anos. Em Dezembro de 1997, pouco depois de ser o primeiro romancista a vencer o Prémio Pessoa, anunciava-me numa entrevista um novo romance para o Outubro seguinte. Foi nesse Outubro seguinte, o Outubro de 1998, que morria, após quatro meses de coma, às duas e meia da madrugada do dia 26, sem que nenhum romance novo tivesse saído.

A conversa foi em Dezembro. Demorada no tom rouco da voz. Dezembro, numa tarde fria com a pouca luz do Inverno a entrar pela janela que dava para a igreja de Alvalade. Vestia uma camisola amarela, de um amarelo desmaiado que contrastava com o amarelo dourado do copo de *whisky* misturado com água que ia levando à boca. Acabara de editar *Lisboa, Livro de Bordo*, dedicado à cidade onde só não nasceu por acaso, porque como dizia, a sua mãe tinha qualquer coisa de salmão “e ia desovar a norte”. E só por isso foi nascer a Peso, na Beira, a 2 de Outubro de 1925. Cardoso Pires conversava e falava dos seus ódios e amo-

res. De como detestava o Natal e o campo, do politicamente incorrecto confessar que não achava Torga assim um tão grande escritor; de como embirrava com o adjetivo; da sua paixão por Lisboa e por uma boa briga; por longas conversas em bares; por se isolar na casa da Costa da Caparica, virada para o mar, onde ia desenhando na parede as movimentações das personagens, numa espécie de mapa narrativo em que se perdia como quem perde a identidade para dar identidades às personagens.

Cardoso Pires conversava, mas temia o modo como essa palavra falada podia aparecer escrita. É que para ele, a palavra escrita tinha outro ritmo. Tinha de ser escolhida. Não era ao acaso. Dizia e emendava, como quem escreve outra versão de um romance. Dizia e rescrevia o dito com um letra miudinha, pensada, limpando adjectivos, substantivando. E aquilo lido parecia rápido. Veloz como os seus romances. Engano. Cardoso Pires era lento, muito lento na escrita e fazia ironia com os escritores rápidos. Em

50 anos, publicou 18 títulos. *O Delfim*, *Alexandra Alpha*, *A Balada da Praia dos Cães* ficarão como textos maiores da literatura. Saíram lentos, com tantas versões até sair a certa. Cada palavra tinha de ser certa. Nem a mais, nem a menos. E nesse medir de palavras disse: “Estou convencido de que um dia parto uma unha do pé e morro.” Nem mais uma palavra. ■

Escritor tinha enorme paixão por Lisboa

De amor e outras histórias

Primeiro foi um inédito: *Lavagante*. Agora um livro censurado: *Histórias de Amor*. As edições Nelson de Matos estão a recuperar um Cardoso Pires menos conhecido. Publicado em 1952, quando o escritor tinha apenas 27 anos, este livro de contos (alguns rescritos em 1963) foi de ime-

diato apreendido pela censura e nunca mais foi reeditado na sua forma inicial, embora o autor o tenha considerado entre as suas obras completas. Esta edição recupera e



assinala os cortes da censura, oferecendo ao leitor o texto integral e inclui como anexo uma carta de Cardoso Pires dirigida à Comissão de Censura em protesto contra a apreensão do livro.

José Cardoso Pires faria hoje 83 anos. Morreu dias depois dos 73